

Hipersegmentação de palavras: análise de aspectos prosódicos e discursivos¹

Luciani Ester Tenani
Universidade Estadual de São Paulo

Resumo: *Este artigo trata de hipersegmentações de palavras que se caracterizam por emprego não convencional de uma fronteira gráfica (por meio de branco ou hífen) dentro dos limites de palavra, como “em bora”, “chama-da”. Em estudo conduzido sobre esses dados, identificamos motivações advindas de informações prosódica e morfossintática somadas às de natureza letrada. Mostramos que há características linguísticas recorrentes nesses registros de fronteiras de palavras, a partir da análise de textos produzidos por alunos que cursavam as quatro últimas séries do ensino fundamental em uma escola pública paulista. Neste artigo, avançamos nesse estudo ao analisarmos um dado singular cujas características não coincidem com as que se mostraram recorrentes, como demonstraremos. Argumentaremos que a presença não convencional de marca de fronteira dentro dos limites da palavra escrita que analisamos pode ser interpretada como representação de configurações prosódicas, de natureza rítmica e entoacional, as quais contribuem para a construção das relações de sentidos do texto.*

Palavras-chave: *Palavra. Prosódia. Ortografia. Oralidade. Letramento.*

Hipersegmentação de palavras: perspectivas de análise

Neste trabalho, o objeto de análise são segmentações não convencionais de palavras que se caracterizam por haver uma fronteira gráfica (grafada por meio de branco ou hífen) dentro dos limites de palavra onde não é prevista pela ortografia, como as hipersegmentações “em bora”, “chama-da”. Em estudo conduzido sobre esses dados (FAPESP 2009/14.848-6 e CNPq 306.471/2009-4), identificamos motivações advindas de informações letradas somadas às de natureza prosódica e morfossintática (TENANI, 2011a). Mostramos (TENANI,

¹ Este trabalho está vinculado aos projetos “Prosódia e escrita: estudo das segmentações não convencionais de palavra”, desenvolvido junto ao Departamento Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, e ao projeto “Hipersegmentação de palavras escritas: evidências de relações entre enunciados falados e escritos” (CNPq 30872-2012, FAPESP 2013-14546-5).

2011b) quais são as características prosódicas e morfossintáticas recorrentes nesses registros de fronteiras de palavras, a partir da análise de textos produzidos por alunos que, à época da coleta, cursavam as quatro últimas séries do Ensino Fundamental (doravante, EF) em uma escola pública paulista. Neste artigo, avançamos nesse estudo acerca das grafias de palavra ao selecionarmos para análise dado cujas características não coincidem com as que se mostraram recorrentes, como “adisio na” (para “adicionar”). Para além de ser exemplo de dados “menos frequentes”, a serem descritos neste artigo, chama-nos a atenção o fato de que essas grafias não convencionais ocorrem em textos de alunos que estão cursando os anos finais do EF.

Cabe inicialmente observar que, de uma perspectiva escolar, especificamente para os professores envolvidos com o ensino de português e com o processo de alfabetização, segmentar e juntar palavras é tema que merece atenção. Essas grafias podem ser, quando considerados textos produzidos nos anos iniciais do EF, índices de reflexão sobre possibilidades de registros das palavras ou, quando considerados textos produzidos nos anos finais do EF, índices de que o aprendiz apresenta problemas de alfabetização (ZORZI, 2006) e que, não tendo sido sanados no ciclo I do EF, tendem a permanecer no ciclo II do EF. Essa constatação leva, para profissionais envolvidos com o processo de ensino escolar (como professores, coordenadores de escola), ao diagnóstico de que o aprendiz do ciclo II necessita, por exemplo, de aulas de reforço (para aprender o que não conseguiu nas aulas de língua portuguesa) e/ou de acompanhamento fonoaudiológico (para sanar problemas de distúrbios de aprendizagem).

De uma perspectiva clínica, particularmente da área da psicopedagogia e da fonoaudiologia educacional, as junções e segmentações de palavras que fogem à convenção ortográfica podem ser tomadas como um dos “sintomas” de *disortografia*, conforme afirmam Fernandéz et alii (2010):²

² Os autores tratam da disortografia “enquanto manifestação de alteração no processamento fonológico e ortográfico decorrente de condições determinadas genética e neurologicamente, como os transtornos de aprendizagem específico

A caracterização da disortografia se dá pela dificuldade em fixar as formas ortográficas das palavras, apresentando como sintomas típicos a substituição, omissão e inversão de grafemas, *alteração na segmentação de palavras, persistência do apoio da oralidade na escrita e dificuldade na produção de textos*. (FERNANDÉZ *et alii*, 2010, p. 501, grifos nossos)

A hipersegmentação, objeto deste estudo, é, de acordo com essa perspectiva clínica, um dos “sintomas” de um transtorno específico da escrita. Portanto, investigar, de uma perspectiva linguística, as hipersegmentações contribui para a caracterização desse transtorno, a disortografia, o qual é visto, por fonoaudiólogos, como “um padrão de escrita que foge às regras ortográficas estabelecidas convencionalmente, que regem determinada língua” (FERNANDÉZ *et alii*, 2010, p. 501).

Para essa perspectiva clínica, a interpretação de grafias não convencionais de palavra tem por base a hipótese de que o aprendiz junta palavras ao escrever, pois fala tudo junto, na medida em que se apoia na oralidade para produção do enunciado escrito. O resultado, na escrita, seria ocorrência de hipossegmentações, um tipo de transcrição fonética, como “concerteza” (“com certeza”). Depois de corrigido, o aprendiz passaria a separar demais as palavras por aplicar regras para segmentar o fluxo da fala em palavras escritas em contexto que não é pertinente. Nesse caso, o resultado, na escrita, seria a ocorrência de hipersegmentações, um tipo de hipercorreção, isto é, um registro de aplicação de uma regra de ortografia em uma palavra em que não é pertinente, como “com versa” (“conversa”). Nota-se que o percurso de aprendizado é da fala para a escrita, havendo uma interferência inicial esperada a qual deveria ser superada, na medida em que o aprendiz, inicialmente, tomaria a fala como base para escrever um enunciado e, em seguida, dominaria as regras da ortografia. Se o aprendiz não

(dislexia do desenvolvimento) e global (distúrbio de aprendizagem)” (FERNANDÉZ *et alii*, 2010, p. 500).

alcança essa etapa final do processo, produzindo textos com hiper e hipossegmentações, então, essas grafias são classificadas como “erros ortográficos” que são “sintomas” de que o aprendiz apresenta “disortografia”, um distúrbio de aprendizagem.

Portanto, de certa perspectiva da área da saúde que compreende a área de distúrbios de aprendizagem (como a exemplificada por meio do excerto de artigo anteriormente citado), separar ou juntar palavra fora das convenções ortográficas tem sido interpretado (a) como um erro de escrita decorrente de uma indesejada interferência da fala na escrita; (b) como um indício de que o aprendiz não segue o percurso esperado de desenvolvimento da linguagem escrita; (c) como um índice de distúrbio, o que pode ser medicado e/ou submetido a procedimentos terapêuticos a fim de que seja superado/sanado o problema.

Neste trabalho, distanciamos-nos dessas interpretações dadas às segmentações não convencionais de palavra e nos aproximamos de uma perspectiva linguística que toma essas grafias como pistas do trabalho do sujeito com a linguagem (CAPRISTANO, 2007a, b, 2004; CHACON, 2005, 2006) e, desse modo, como evidências de que a organização prosódica dos enunciados falados é, em alguma medida, percebida pelo aprendiz que busca plasmar na escrita (ABAURRE, 1998, 1991; ABAURRE E SILVA, 1993) o que supõe ser o registro convencional do enunciado.

Por meio da análise linguístico-discursiva do texto em que ocorrem as grafias não convencionais de palavras, defenderemos uma abordagem do ensino da escrita em sala de aula que não seja grafocentricamente orientada (CORRÊA, 2006) e, por conseguinte, que põe em cena outra concepção de língua e de escrita que não aquelas que se verificam, muito frequentemente, em ambiente escolar. Predominantemente, observa-se “uma concepção escolar de língua, que identifica língua à escrita, e de uma concepção escolar de escrita, que identifica escrita apenas com o domínio do código alfabético” (CORRÊA, 2006, p. 206).

Verificado, dessa perspectiva escolar, que o aprendiz não domina a ortografia de palavras comuns (cf. PARÂMETROS

CURRICULARES NACIONAIS, 1997), apresentando dúvidas para separar/juntar palavras, conclui-se, conforme Correa (2006), que o aluno mais do que não saber escrever, não sabe português, sua língua materna. Ainda, a depender da frequência e do ano escolar em que o aluno se encontra, essas dúvidas ortográficas poderão vir a ser sintomas de disortografia, como já apontamos. Por meio dessa interpretação dada ao chamado “erro de ortografia”, identificamos, também, certa concepção da relação entre fala e escrita que guiam, muito fortemente, o trabalho pedagógico do professor e o trabalho clínico do fonoaudiólogo.

Propomos, neste trabalho, trilhar um percurso que visa a promover outra perspectiva de língua, de escrita, e da relação entre fala e escrita aos profissionais que lidam com “erros ortográficos” vistos como decorrentes da interferência da fala na escrita. Ao assumirmos uma perspectiva de análise linguístico-discursiva, afastamo-nos de uma concepção de escrita como modalidade da língua que “sofre” influência (indesejada) da modalidade falada, como já apontado por Correa (2006). Adotamos a perspectiva que concebe a escrita, junto com a fala, como modos de enunciação que se realizam por meio de práticas orais e letradas (CORRÊA, 2001). É dessa perspectiva linguístico-discursiva, que concebe língua(gem) como atividade dialógica (BAKHTIN, 1992), que as segmentações não convencionais de palavra são aqui interpretadas como pistas de relações complexas entre enunciados falados e escritos, que são constituídas por meio de práticas sociais, privilegiadamente, as práticas orais e as letradas.

Explicitaremos, por meio da análise de dados de segmentação não convencional de palavra, aspectos linguístico-discursivos relevantes para sustentar a perspectiva de língua(gem) e de escrita que defendemos.

Características linguísticas da hipersegmentação

Para a elaboração deste artigo, é selecionado um dado de hipersegmentação a partir de material de pesquisa composto por uma amostra transversal de 2.469 textos produzidos por alunos

de sexto a nono ano do EF (que, na época da coleta, correspondiam à quinta e à oitava séries do EF) em uma escola pública do interior paulista. A hipótese que subjaz a esta proposta é a de que as características do dado a ser descrito na próxima seção são reveladoras de aspectos mobilizados, de modo geral, pelos escreventes, no processo de produção escrita. A pertinência desta escolha encontra ancoragem também em resultados quantitativos no que se refere às características linguísticas das hipersegmentações, a serem descritas logo à frente, nesta seção.

Faz-se necessário esclarecer que os textos que integram o banco de dados de escrita do EF-II são resultado de atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”, UNESP/PROEX.³ Em cada ano letivo, foram realizadas seis oficinas pedagógicas de leitura e produção de texto, as quais eram conduzidas por graduandos em Letras ou pós-graduandos em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP, monitores do projeto de extensão universitária. Cada oficina pedagógica foi elaborada pela coordenação do projeto de extensão, junto com os monitores, e levando-se em conta o plano pedagógico da escola.

Dentre as características das oficinas pedagógicas que motivam a produção de textos, retomamos as seguintes: (1) os alunos poderiam se recusar a fazer o texto proposto, sem que essa recusa lhes causasse algum tipo de prejuízo escolar;⁴ (2) era permitido fazer rascunhos, mas não era permitida a reescrita do texto manuscrito, pois a produção escrita deveria ser desenvolvida somente no tempo de uma aula de português (de cinquenta minutos), sem a possibilidade de haver conclusão ou reformulação do texto fora do ambiente escolar. Desse modo, os

³ O projeto, coordenado pelas professoras Luciani Tenani e Sanderléia Longhin (UNESP/SJRP), recebeu apoio financeiro da PROEX/UNESP de 2009 a 2011 e da FAPERP (Fundação de Apoio à Pesquisa de São José do Rio Preto) em 2008. Agradecemos à PROEX e à FAPERP pelos auxílios recebidos.

⁴ Desde o início do projeto de extensão, aos alunos e responsáveis foram explicadas as condições de participação do projeto, tendo sido essas condições asseguradas por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética do IBILCE/UNESP.

textos foram produzidos quando o aluno se dispôs a escrever dentro das condições que havia na escola. As produções escritas coletadas, por sua vez, guardam registros dessas condições de produção escrita, na medida em que se encontram, dentre outros aspectos, rasuras e grafias não convencionais de palavras que, em outras condições, poderiam não ser encontradas.

Dadas essas características, as segmentações não convencionais de palavras que se identificam nos textos podem ser vistas como decorrentes, em certa medida, das condições de produção escrita em que o escrevente produziu seu texto, sem a possibilidade de reformulá-lo. Portanto, os textos coletados constituem-se em “fotografias” de um processo de produção textual conduzido a partir de propostas desenvolvidas em ambiente escolar, como parte das atividades feitas pela universidade por meio de um projeto que teve como objetivo proporcionar reflexão e ampliação de conhecimentos sobre língua portuguesa aos alunos de escola pública.⁵ Ainda nesse cenário, consideramos que o produto escrito que analisamos está impregnado, de modo privilegiado, de certas relações dialógicas que se estabelecem entre instituições (escola e universidade públicas) e entre sujeitos (alunos do EF, graduando/graduado em Letras em processo de formação, e professores de português que, frequentemente, não estavam presentes na sala de aula durante as produções escritas). A essas relações retornaremos quando da análise de dados.

No âmbito do projeto “Aspectos segmentais e prosódicos da escrita de crianças e adolescentes: evidências de relações entre enunciados falados e escritos” (FAPESP 2009/14.848-6, CNPq 306471/2009-4), cada texto que constitui o banco de dados foi lido e foram identificadas todas as ocorrências de segmentação não convencional de palavra, o que resultou em um *corpus* de

⁵ Vale acrescentar que aos alunos foram oferecidas atividades de leitura e ensino extras e gratuitas em período distinto das aulas de língua portuguesa, na própria escola. Nessas atividades, foram tratados temas como coesão, coerência, pontuação, ortografia da língua portuguesa.

1.666 ocorrências.⁶ Essas segmentações não convencionais foram analisadas quanto a características gráficas (em função do emprego não convencional do branco e/ou do hífen) e linguísticas (tipo de constituinte prosódico envolvido; estrutura métrica identificadas nas formas hipo e hipersegmentadas; classe gramatical das palavras hipo e hipersegmentadas).

Em função desses critérios linguísticos eleitos para análise das segmentações não convencionais, identificamos características predominantes no conjunto de dados considerados, dentre as quais destacamos, aqui, aquelas relativas às hipersegmentações:

- a. Ponto de corte onde ocorre a hipersegmentação coincide com fronteiras de constituintes prosódicos.⁷ As estruturas resultantes mais recorrentes no *corpus* considerado são:
 - $\sigma + \Sigma$: “a cabou”, “ou vidos” (180/263)⁸
 - $\sigma + \sigma$: “de vo”, “na viu” (56/263)
 - $\Sigma + \Sigma$: “espan cado” (9/263)
- b. As estruturas métricas resultantes das formas hipersegmentadas correspondem a pés dissílabos, sendo predominante os troqueus (191/263), seguido dos iambos (72/263). Entre as estruturas métricas

⁶ Nos 1666 dados, estão incluídas todas as ocorrências em que houve usos não convencionais de hífen e rasuras. Excluídas as rasuras e as ocorrências de usos de hífen que não levam à hipo e hipersegmentação e considerados os usos do branco e do hífen que estão relacionados à delimitação de fronteira de palavras, chegamos a 1386 dados de segmentação não convencional de palavras (cf. discussão sobre metodologia de identificação de dado em TENANI, 2011c).

⁷ Na definição dos constituintes prosódicos, adotamos o modelo de Nespor e Vogel (1986). Nesse modelo, os constituintes são organizados em uma hierarquia segundo princípios de boa formação. A hierarquia é formada pelos seguintes constituintes: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (G), frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U).

⁸ Houve ainda 16 dados em que se identifica a estrutura $\sigma + (\Sigma + \Sigma)$, como em “a presentamos” e, em dois dados, a estrutura $\sigma + (\Sigma + \Sigma + \Sigma)$, como em “em caracidamente”.

mais recorrentes, encontram-se, em ordem decrescente as seguintes:

- $(\sigma \acute{\sigma} \sigma) > (\sigma) (\acute{\sigma} \sigma)$: “acima” > “a cima” (145/263)
- $(\sigma \acute{\sigma}) > (\sigma) (\acute{\sigma})$: “adeus” > “a deus” (44/263)
- $(\acute{\sigma} \sigma \acute{\sigma}) > (\acute{\sigma}) (\sigma \acute{\sigma})$: “abateu” > “a bateu” (21/263)
- $(\acute{\sigma} \sigma \acute{\sigma} \sigma) > (\acute{\sigma}) (\sigma \acute{\sigma} \sigma)$: “devoluido” > “de voluido” (14/263)
- $(\acute{\sigma} \sigma) > (\acute{\sigma}) (\sigma)$: “desde” > “des de” (12/263)

c. Uma das partes da palavra hipersegmentada corresponde a uma possível palavra da língua (um monossílabo átono, em sua maioria), as quais pertencem, em ordem decrescente de frequência, às seguintes categorias gramaticais:

- Preposição: “com pra”, “de vagar”
- Conjunção: “que ria”
- Verbo: “via jando”, “you tando”

Outra característica importante, relacionada aos aspectos prosódicos das formas hipersegmentadas, diz respeito ao fato de não haver a tendência à alteração na estrutura das sílabas das formas hipersegmentadas, embora possa haver alteração na escolha da letra para representar um segmento, como “em tão” (“então”). Nesse caso, há o registro da coda nasal (portanto, a estrutura da sílaba não está alterada), mas esse registro é feito pela escolha da letra <m>, embora a convenção prescreva <n> (portanto, a convenção ortográfica não foi seguida) (*cf.* uma descrição dessas características em TENANI, 2010).

Além dessas características predominantes no conjunto de hipersegmentações identificadas, ocorreram dados cujas características são menos frequentes, as quais são listadas a seguir:

- a. O ponto de segmentação dentro da palavra não ocorre conforme a tendência observada: domínios prosódicos se configuram em uma sequência distinta dos demais identificados, como nos exemplos abaixo:
- $\Sigma + \sigma$: “cava lo”, “esta va”, “pode ria”
- b. As partes resultantes da hipersegmentação fogem à tendência de coincidir com palavras da língua, embora o ponto de corte da segmentação e a estrutura prosódica resultante sigam a tendência observada, como a seguir exemplificada:
- $\sigma + \Sigma$: “des maiei” “pri meiro”, “su seco”, “gos tamos”, “es quito”
- c. A forma hipersegmentada pode ser ou não outra(s) palavra(s) possível (is) do Português. Verifica-se que pode ocorrer mudança na estrutura das sílabas grafadas em relação às formas grafadas convencionalmente em função de haver: (a) aumento/diminuição do número de sílabas da palavra; (b) escolhas não convencionais de letras para representar segmentos das sílabas. Abaixo, exemplificam-se essas possibilidades:
- “adisio o na” (“adiciona”); “e mosonado” (“emocionado”)
 - “com panhate’ (“acompanhante”); “i da” (“ainda bem”)
 - “de sero” (“desceram”), “de troi” (“destrói”)
 - “o so” (“oosso”), “de se” (“desse”)
 - “dele gato” (“delegado”), “desse diram” (“decidiram”), “lhe dar” (“lidar”)
 - “cala afrio” (“calaafrio”)

A fim de investigar os motivos para a ocorrência desses dados com características menos frequentes em relação ao conjunto de hipersegmentações analisadas, selecionamos para a

análise, neste artigo, a ocorrência “adísio no na”, a qual apresenta características únicas, considerando-se que não há, no *corpus*, outra palavra em que há dois pontos de segmentação. Por meio da análise linguístico-discursiva desse dado selecionado, buscamos responder, na próxima seção, a pergunta: o que esse tipo de dado revela?

Análise linguístico-discursiva da hipersegmentação

Iniciamos esta seção apresentando (Figura 1) o enunciado da proposta de produção textual que foi discutida em sala de aula (pelos monitores do projeto de extensão junto aos alunos de sexto ano – quinta série, na época – do EF) e que propiciou a produção do texto que selecionamos para análise. Vale informar que, quando da elaboração da proposta pela coordenação do projeto de extensão, foi levada em conta a informação de que os alunos do sexto ano estavam, naquele bimestre, trabalhando com produção de cartas nas aulas de português.

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani
E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 5a C
Proposta 4 Data: 14/10/2008

- Observe os quadrinhos abaixo do Chico Bento e seu primo da cidade.



- Chico Bento e seu primo fazem coisas parecidas ao longo do dia, mas cada um não sabe o que o outro faz. Suponha que você, como o Chico Bento, tenha ouvido falar sobre a possibilidade de contar sobre as coisas que faz por meio da internet.

- Escreva uma carta ao seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é a internet e como se faz para mandar mensagens por meio do MSN.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Figura 1

Dentre as 609 produções escritas coletadas, no âmbito do projeto de extensão, a partir dessa proposta (que corresponde à

quarta proposta desenvolvida na escola no âmbito do projeto de extensão), selecionamos a produção, reproduzida na Figura 2, em que ocorre a hipersegmentação “adisiio na”.

dois dias de Aus Bala, 14 de outubro 2008
 É ai primei marce você jatem o MSN eu não temo
 MSN ainda você não jain eu não sei e que o MSN e
 MSN você comozera com pesser de outro pain e se não
 você com verra com os seus amiger da escola come
 pain e MSN você entra na internet no site Merim
 WWW. Astomail como você tala anim quiza sou MSN
 gualsido você colera e sou nome que você que
 colera masquindo ai você colera e seu sobrinome
 a cidade que você mora em seu dada a i
 você acada de fize o MSN a para você adisiio e ma
 os pesser você quiliba ai nota quantida ai e você
 adisiio ai eu vou me adisiio ou la ai você
 adisiio os seus amiger da escola vai gentou de MSN
 gente aim.
 Ai eu vou entra no meu MSN e você
 amora la aim.
 É não ficou no MSN ate de noite.
 falou primei marce.

Figura 2

Ao trazermos o texto em que a segmentação não convencional “adisiio na” (“adicionar”) ocorre, ampliamos nosso olhar para outras três ocorrências do mesmo verbo “adicionar” (grafadas “adisiio na”, “adisiio na”) que não são hipersegmentadas, a saber: “adisiio na” (forma verbal no infinitivo) e “adisiio na” (forma verbal conjugada na terceira pessoa singular, no presente do indicativo).⁹

⁹ É importante observar que ocorrem várias hiper e hipossegmentações no texto em análise, porém, deixamos para outra oportunidade o desenvolvimento da análise dessas ocorrências.

Da comparação das grafias dessas formas do mesmo verbo, chamamos a atenção para o ponto da palavra em que ocorre a segmentação não convencional em “adísio o na” e as grafias desse mesmo ponto nas demais ocorrências do mesmo verbo, levando-se em conta a diferença de localização dos acentos de palavra: em “adicionar”, o acento recai na última sílaba; em “adiciona”, o acento recai na sílaba “o”, se a sequência “io” for hiato, ou na sílaba “io”, se essa sequência vocálica se realizar como ditongo.¹⁰

Os dois espaços em branco em “adísio o na” ocorrem na sequência “io” a qual se configura como um ditongo crescente (glide+vogal) pretônico e, como tal, tem a característica de, nos enunciados falados, ser realizada ora como ditongos (o que implica que há uma única sílaba) ora como hiatos (o que implica que há duas sílabas).¹¹ Nas grafias “adisona”, a mesma sequência vocálica “io”, que potencialmente varia entre ditongo e hiato, figura, porém, a representação gráfica de uma possível monotongação, processo em que o ditongo passa a uma vogal, e que potencialmente é registrado nos enunciados escritos. Nesse caso, o acento recai em “o”, vogal da sílaba grafada “no”.

Diferentemente, na forma verbal “adicionar” (em que o acento recai na última sílaba), a sequência vocálica é pretônica, o que, de um ponto de vista rítmico, a torna mais suscetível a variações de aceleração ou desaceleração das sílabas. É justamente essa desaceleração das sílabas que antecedem a tônica a motivação possível de o escrevente hipersegmentar “adísio o na”: há uma espacialização da desaceleração da realização falada da palavra. Essa desaceleração não ocorre noutra ponto do texto

¹⁰ Sobre essa variação na realização como ditongo crescente ou hiato de sequências glide+ vogal, ver Martins (2011).

¹¹ Vale observar que a complexidade fonético-fonológica dos ditongos no português brasileiro tem sido observada em vários estudos. Para Bisol (1989), por exemplo, há os ditongos verdadeiros, como em “pairo” (que nunca se reduzem), e os falsos ditongos, como em “caixa” (que sofrem redução). Além dessa característica dos ditongos decrescentes, alguns dos ditongos crescentes também podem variar entre uma realização como ditongo e outra como hiato, por exemplo: “Tietê” ([’tie.te] ~ [ti.‘e.te]) e “precioso” (“pre[’sio.zo]” ~ “pre[si.‘o.zo]”), respectivamente, dentre outros (MARTINS, 2011).

em que também ocorre a forma “adicionar” em: “aí eu vou me adicionar eu tá”. O que levaria o escrevente a grafar a primeira, mas não a segunda ocorrência de “adicionar” hipersegmentada? A resposta para esta questão é dada logo à frente, quando exploramos a hipótese da relação entre distribuição de espaço e organização rítmica do enunciado.

Por ora, explicitamos que o ponto em que ocorre a segmentação não convencional em “adisi o na” é, potencialmente, um ponto de fissura da língua, isto é, um ponto em que, na cadeia segmental, não há “estabilidade estrutural”, no sentido de haver mais de uma possibilidade de análise da sequência vocálica (“io” é um ditongo e, portanto, há uma sílaba com uma sequência vocálica; ou “io” é um hiato e, portanto, duas sílabas; ou ainda, “io” se reduz a uma única vogal, passando a uma sílaba). Nota-se que essas possibilidades são favorecidas, também, pelo fato de essas serem sílabas pretônicas.

Valendo-nos da imagem de uma rocha associada à ideia de estrutura linguística, verificam-se “rachaduras” (como as sequências vocálicas que ora se comportam como ditongos, ora como hiatos, ora como vogais) que potencialmente permitem “quebras”, “fissuras” da palavra (como as que são representadas pelas segmentações não convencionais). Explorando essa imagem em relação aos dados analisados, interpretamos que os pontos onde se deram as segmentações não convencionais nos deixam pistas de que as “rachaduras” da língua (pontos de sua estrutura mais instáveis), em alguma medida, são percebidas pelo escrevente.

Para além de aspectos estruturais que potencializam ocorrências de segmentação não convencional em dados pontos da palavra/sequência a ser grafada, há outros aspectos em jogo, como o da dimensão gráfico-visual do texto escrito. Explorando esse aspecto, levanto a hipótese acerca das motivações para ocorrência de grafias não convencionais observando a distribuição dos espaços em branco no texto e do texto na mancha da folha destinada à escritura: a grafia de “adisi o na” ocupa a linha de tal modo a alcançar o limite da margem direita da folha do papel e isso não ocorre para as demais grafias do

verbo consideradas, as quais não ocupam essa posição espacial próxima da margem da folha. Nas práticas escolares (especialmente nos anos iniciais do EF), a distribuição das palavras nos limites das margens da mancha do papel é um aspecto ao qual o escrevente é chamado a observar. Desse modo, a presença não convencional dos espaços em branco dentro dos limites da palavra “adicionar” pode ter sido motivada, por hipótese, por um aspecto gráfico relacionado à configuração do texto dentro das margens para a escritura.

Outra hipótese a ser levantada (que não exclui as anteriores) diz respeito a possíveis relações entre a distribuição dos espaços em branco e a dimensão rítmica da linguagem (CHACON, 1998). Nessa linha de interpretação, chamamos a atenção para o fato de a forma hipersegmentada ser a primeira ocorrência do verbo, o qual introduz uma informação sobre a prática característica do uso do MSN (temática desenvolvida no texto): adicionar os amigos a sua lista de contatos (cf. figura 1). Em enunciados falados, a silabação de palavra é uma das estratégias usadas para destacar, salientar, dar ênfase ao que se diz. Em enunciados escritos, a representação convencional dessa possível realização oral silabada pode ser feita por meio de espaços em branco (“a di cio nar”) ou, preferencialmente, por meio do hífen entre as sílabas (“a-di-cio-nar”). Notamos, porém, que, no dado em questão, os dois espaços em branco observados se dão entre as sílabas pretônicas “adicio”, “o” e a tônica “nar” (grafada sem a marca de infinitivo do verbo). Interpretamos como um possível indício de representação de um ritmo que desacelera até culminar na sílaba tônica da palavra enfatizada. Corroboramos essa hipótese o fato de haver repetição da vogal “o”: possivelmente, uma representação escrita de um alongamento da vogal que antecede a sílaba tônica (o que contrasta com as grafias “adisiona” [“adicionar”] e “adisona” [“adiciona”]), sendo que nesse segundo caso o ditongo não é representado, possivelmente por poder ser assim realizado quando em trecho de fala produzido com velocidade mais acelerada em relação às porções que lhe são adjacentes.

A dimensão rítmica da linguagem também pode ser interpretada, de uma perspectiva dialógica da linguagem, não como elemento motivador, mas como efeito de “vozes” que se fazem ouvir por meio dos registros gráficos não convencionais, como se entrevê por meio da hipersegmentação “adísio o na”. Dentre as vozes que se mostram de modo privilegiado no texto em análise, está aquela relacionada ao “tom didático”, típico de práticas escolares, que imprime um ritmo silabado ao enunciado, de velocidade mais lenta, especialmente durante o trecho cujo conteúdo semântico é destacado por aquele que ensina. Esse ritmo se mostra, de algum modo, plasmado por meio de segmentação de “adísio o na”. Ouvimos, nesse enunciado escrito, o tom e a voz com que este e outros enunciados são falados em ambiente escolar, quando o professor ensina seus alunos.

Em certa medida, o escrevente, imerso nessa prática social escolar, assume – em função da resposta que dá à solicitação expressa no enunciado da proposta (“Escreva uma carta ao seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é a internet e como se faz para mandar mensagens por meio do MSN.” – cf. Figura 1) – a posição enunciativa daquele que dá instrução (e não daquele que pede informação, como solicitado). Desse modo, na posição de aluno, o escrevente visa a atender a uma solicitação do professor (no caso em particular, concernente à produção de um texto para a universidade em ambiente escolar), e, ao buscar cumprir ao solicitado, projeta o tom didático daquele que “dita instrução”.

Além desse caráter instrucional com tom didático, outras vozes discursivas (que também têm, na “concretude” dos enunciados falados, um “volume mais baixo” em relação àquele volume da voz predominante) se fazem ouvir em confronto. Essas vozes, possivelmente, decorrem de o escrevente transitar por posições enunciativas que assume ao longo do texto, como, por exemplo, a de “primo” fictício, a do usuário de internet (e particularmente de MSN), a do que mora no campo (em contraposição ao que mora em ambiente urbano). Todas essas posições enunciativas estão, em certa medida, apresentadas na

proposta da produção textual¹² a qual o escrevente é chamado a responder na posição de aluno. Nesse exercício de “responder” à proposta de produção textual, observam-se tentativas de o escrevente se “deslocar” da sua posição enunciativa “aluno”, e observamos como vozes se sobrepõem a essa posição, a qual se mostra de modo privilegiado (brota feito água na estrutura linguística), tecendo o fio do texto/discurso.

As considerações apresentadas buscam explicitar, por meio da análise de ocorrências de segmentação não convencional de palavra, em que medida aspectos de natureza estrutural da língua deixam “brotar” as vozes discursivas com as quais o escrevente em processo de aquisição da escrita está lidando. Por meio dessa interpretação que aproxima aspectos linguísticos e discursivos inscritos no dado de escrita, respondemos à questão neste artigo formulada afirmando que hipersegmentações como a que ora analisamos revelam a complexidade enunciativa que se verifica na produção de enunciados escritos.

Desse modo interpretadas as hipersegmentações, fica posta em questão a pertinência de essas grafias não convencionais de palavra serem tomadas tão somente como: (i) “erros” de ortografia, decorrentes de falta de atenção do aluno ou da falta de capacidade de ensino do professor; (ii) prova de que a interferência da fala na escrita é o fator que as motiva; (iii) pistas do comprometimento do desenvolvimento de capacidade neurológica e cognitiva do escrevente em produzir textos grafados segundo a convenção ortográfica.

Considerações Finais

A partir de uma descrição de regularidades linguísticas, particularmente no que diz respeito às possíveis relações entre características prosódicas e morfofonológicas de palavras do português, que caracterizam um conjunto de segmentações não convencionais produzidas por alunos do ciclo II do EF,

¹² A título de exemplificação, chamamos a atenção para a disposição dos quadrinhos de *Chico Bento*, os quais contrapõem imagens do campo *versus* da cidade.

selecionamos para análise um dado que não apresenta as regularidades linguísticas observadas para o *corpus* da pesquisa. Por meio da descrição e análise do texto em que o dado “adísio na” ocorre, buscamos explicitar indícios de que o escrevente:

- opera com hipóteses (conflitantes) sobre a representação escrita do enunciado falado (dimensão relacionada ao imaginário da escrita constituído por meio de práticas letradas; *cf.* CORRÊA, 2001);
- guia-se por uma percepção da organização prosódica dos enunciados falados para produzir seu texto (dimensão relacionada a práticas orais)
- responde à proposta de produção textual resignificando-a, buscando se apropriar do texto que produz, e deixa entrever as representações sociais acerca dos temas sobre os quais escreve e sobre o que seja escrever na escola a partir de uma proposta feita por outra instituição diferente da escola (dimensão relacionada à representação social de si e do outro)

Por fim, é por termos assumido uma concepção de língua(gem) como atividade dialógica (BAKHTIN, 1992) que o dado de escrita analisado pode ser interpretado como indício de como se constitui a relação entre fala e escrita e de que esses são modos de enunciação dinâmicos, pois são sócio-historicamente constituídos por meio de práticas orais e letradas. Por meio da análise do texto em que ocorre o dado cujas características linguísticas o particularizam em relação ao conjunto de dados de mesma natureza, defendemos que segmentações não convencionais de palavras são dados de escrita que dão indícios da complexidade enunciativa em que o escrevente está imerso, particularmente, quando chamado a responder a uma atividade de escrita em ambiente escolar. Esperamos, assim, contribuir com a compreensão do “erro ortográfico” como um índice do processo dinâmico de produção escrita dos alunos.

Agradecimentos: Agradeço aos professores Dr. Manoel Luiz G. Corrêa (USP) e Dra. Fabiana Komesu (UNESP) por sugestões e comentários feitos em conversas pessoais a respeito dos conceitos e análises aqui apresentados. No entanto, problemas e inconsistências que possam ser atribuídos a este artigo são de minha inteira responsabilidade.

Referências

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes Editores, 1998. p.135-142.

ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín*, Campinas, v. 11, p. 203-17, 1991.

ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*. São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BISOL, L. O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. *DELTA*, São Paulo, v.5, n. 2, p. 185-224, ago. 1989.

CAPRISTANO, C. C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007. 253f. Tese (Doutorado em

Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007a.

CAPRISTANO, C. C. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

CAPRISTANO, C. C. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39 n° 3, p. 245-260, 2004.

CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 223-232, 2004.

CHACON, L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 77-86, 2005.

CHACON, L. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 155-167.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORREA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CORREA, M. L. G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, v.45, n.2, p. 205-224, 2006.

FERNÁNDEZ, A. Y.; MÉRIDA, J. F. C. ; CUNHA, V. L. O.; BATISTA, A. O.; CAPELLINI, S. A. Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros:

revisão da literatura. *Revista CEFAC*, v. 12, n. 3, p. 499-504, 2010. Disponível em:

<http://www.revistacefac.com.br/fasciculo.php?form=edicoes/v12n3.php>. Acesso em: 05 julh. 2013.

MARTINS, E. F. *Os glides no Português Brasileiro*. Belo Horizonte, 2011. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

TENANI, L. Letramento e segmentações não-convencionais de palavras. In: TFOUNI, L. V. (Org.). *Letramento, escrita e leitura: Questões Contemporâneas*. Campinas: Mercado de Letras, 2011a. p. 229-243.

TENANI, L. Análise das características morfo-fonológicas das hiper e hipossegmentações de palavras em textos do Ensino Fundamental. Comunicação. In: 59º SEMINÁRIO do GEL - Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, 2011, Bauru. *Resumos...* Bauru, 2011b. Disponível em: http://gel.org.br/detalheResumo_2011.php?trabalho=7159. Acesso em: 10 julh. 2013.

TENANI, L. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do ensino fundamental. *Revista da Associação Brasileira de Linguística*, v. 10, p. 91-119, 2011c.

TENANI, L. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. *Cadernos de Educação* (UFPEl), v. 35, p. 247-269, 2010.

ZORZI, J. L. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. In: MALUF, M. I. (org.). *Aprendizagem: tramas*

do conhecimento, do saber e da subjetividade. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: ABP, 2006. p. 144-162.

Recebido em junho de 2013
e aceito em novembro de 2013.

Title: *Hypersegmentation of words: analysis of prosodic and discursive aspects*

Abstract: *This paper deals with hypersegmentation of words that are characterized by the unconventional employment of a graphical boundary (using a white space or hyphen) within the limits of the word, as in "em bora" ("although", using a white space), and "chama-da" ("called", using the hyphen). In a study conducted on these data, we identified motivations arising not only from their literate nature but also from the morphosyntactic and prosodic information. We showed that there are linguistic features recurrent in these registers of word boundaries, based on the analysis of texts produced by the students who attended the last four years of elementary school in a public school in São Paulo. In this paper, we advance on this study by selecting data whose characteristics do not match those which were recurrent. We will argue that the unconventional presence of boundary within the written word limits may be interpreted as representing prosodic configurations (of intonation and rhythm nature) which contribute to the construction of the relation of meanings in the text.*

Keywords: *Word. Prosody. Spelling. Orality. Literacy.*